

A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NA HUMANIZAÇÃO DO AMBIENTE HOSPITALAR: INTERFACES DA MUSICOTERAPIA E ENFERMAGEM

Leila Brito Bergold^{*}
Marly Chagas^{**}
Neide Aparecida Titonelli Alvim^{***}
Dirce Stein Backes^{****}

RESUMO

A música tem sido utilizada como recurso para humanizar o ambiente hospitalar por diferentes profissionais, principalmente musicoterapeutas e enfermeiros. Esse artigo discute a atuação destes profissionais em diferentes cenários. Os resultados apontaram a música como promotora de bem-estar e facilitadora da integração dos participantes com o ambiente de internação. Outro fator importante foi a atitude ética de promover a autonomia do paciente através de sua escolha musical, o que possibilitou lembranças que lhe trouxeram prazer e conforto. A utilização da música no ambiente hospitalar mostrou-se um espaço de intersecção entre diferentes profissionais que pode ampliar a humanização da assistência.

PALAVRAS-CHAVE

Musicoterapia; Enfermagem; Humanização da Assistência.

ABSTRACT

Music has been used as a resource to humanize the hospital environment for different professionals, mainly music therapists and nurses. This article discussed the performance of these professionals in different scenarios. The results pointed music as promoter of well being and a facilitator of integration of participants with the hospitalization environment. Another important factor was the ethic position to promote the patient autonomy through his musical option to enable remembrance that introduced pleasure and comfort. The use of music in hospital environment indicated an intersection space between different professionals that can amplify the humanization of assistance.

* Musicoterapeuta e Enfermeira. Chefe do Serviço de Musicoterapia do Hospital Central do Exército (RJ). Especialista em Terapia de Família. Mestre e Doutoranda pela Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN/UFRJ). Membro do Núcleo de Pesquisas de Fundamentos do Cuidado de Enfermagem (NUCLEARTE) Contato: leilabergold@terra.com.br

** Prof^a. Dr^a. do Curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário. Contato: marlychagas@hotmail.com

*** Prof^a. Dr^a. Adjunta do Departamento de Enfermagem Fundamental da EEAN/UFRJ. Coordenadora do Curso de Doutorado da Pós-Graduação e Pesquisa da EEAN. Membro da Diretoria do NUCLEARTE. Contato: titonelli@terra.com.br

**** Prof^a. Dr^a. do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA (RS). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Empreendedorismo Social da Saúde e Enfermagem – GEPESES. Contato: backesdirce@ig.com.br

KEYWORDS

Music Therapy; Nursing; Humanization of Assistance.

Introdução

Este artigo propõe-se a discutir a música como um recurso para humanizar o ambiente hospitalar e suas implicações como prática terapêutica exercida por diferentes profissionais: o musicoterapeuta e o enfermeiro. É fundamental discutir novas práticas interdisciplinares que buscam o desenvolvimento de ambientes mais saudáveis, com abordagens que priorizem a saúde e não a doença, visando implantar ações que mobilizem a mudança do padrão de assistência ao paciente internado. Comparar a atuação de diferentes profissões que usam a música no ambiente hospitalar, com o intuito de humanizá-lo, amplia o conhecimento sobre o tema e promove a reflexão sobre novas possibilidades de atuação.

Deve-se considerar que o processo de humanização da assistência está relacionado à valorização do trabalho dos profissionais de saúde, de suas aspirações e expectativas frente às necessidades de mudança de suas próprias práticas para reduzir os efeitos negativos da internação hospitalar. É importante articular e difundir essas iniciativas de humanização para fornecer diretrizes e parâmetros eficazes para a consolidação destas experiências e avaliação dos resultados. Ao direcionar estratégias e métodos de articulação de ações, saberes, práticas e sujeitos, pode-se efetivamente potencializar e garantir atenção integral, resolutiva e humanizada (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

Para um estudo que abrange atividades que vêm sendo desenvolvidas por pessoas com diferentes formações profissionais, é importante uma abordagem transdisciplinar que prioriza a relação dialógica entre as disciplinas. Nicolescu (2001) aponta que a transdisciplinaridade diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. É a compreensão do mundo presente que se alimenta da pesquisa disciplinar, que é iluminada de maneira nova pelo conhecimento transdisciplinar.

Nesse contexto, a música desempenha uma função diferente para a enfermagem e para a Musicoterapia, embora ambas visem a sua utilização com fins terapêuticos. Para a enfermagem, a música é um recurso para o cuidado, o seu fim precípuo. Diversos estudos apontam a sua utilização para diminuir a dor, melhorar a interação do paciente

com a enfermeira ou equipe, facilitar o processo ensino-aprendizagem, promover conforto e outras, todas voltadas para a finalidade de cuidar (BERGOLD, 2005).

A Musicoterapia é um processo terapêutico sistematizado que utiliza a música e seus elementos para atingir objetivos terapêuticos: prevenção, manutenção e recuperação da saúde física e mental. Uma das premissas básicas da musicoterapia é que a experiência musical afeta muitas facetas do ser humano, e cada mudança musical desenvolvida pelo cliente é indicativo de uma mudança não-musical de algum tipo (BRUSCIA, 2000). Assim, a música e sua possibilidade de promover mudanças é ao mesmo tempo instrumento e finalidade para a Musicoterapia.

Com o intuito de manter essa perspectiva transdisciplinar e buscar as interfaces entre essas disciplinas, será realizado um estudo comparativo em que serão analisados três pesquisas que enfocam a utilização da música como estratégia para a humanização hospitalar em cenários diversos e com a participação de profissionais com diferentes formações, quais sejam: equipe de saúde composta por enfermeiras, técnico de enfermagem e fisioterapeuta (BACKES et al, 2003), equipe de musicoterapia com musicoterapeuta supervisor e estagiários (CHAGAS; GAZANEO; AGUIAR, 2004) e equipe musical composta por uma musicoterapeuta/enfermeira e dois músicos (BERGOLD, 2005).

Levantamento de dados: pesquisas sobre música como uma estratégia para a humanização hospitalar

- a) Centro de Terapia Intensiva (CTI) em hospital do Rio Grande do Sul (BACKES et al, 2003)

Em 2000, no CTI de uma instituição hospitalar em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, realizou-se uma investigação sobre a humanização desse local voltada inicialmente para os profissionais, considerando o elevado grau de ansiedade e estresse nesse setor. Por sugestão desses, uma das alternativas cogitadas foi a utilização da música para reduzir o nível de estresse. Posteriormente, esta proposta foi estendida aos pacientes internados. Segundo o artigo, por não haver musicoterapeuta nessa instituição, essa experiência foi conduzida por vários profissionais de saúde que possuíam habilidades para o canto e a música.

A finalidade dessa experiência era estabelecer maior contato entre os pacientes e profissionais do CTI por meio de vivências musicais, de modo a se construir um melhor relacionamento pessoal e um ambiente harmonioso, motivador e menos estressante. Foram realizadas atividades musicais interativas com os pacientes por meio do canto, vivências grupais com dinâmicas musicais celebrativas, audição musical, preces cantadas no início da manhã, além de música ambiental por uma hora durante o dia (horário de menor movimentação no CTI). As músicas ambientais eram escolhidas pelos profissionais e as músicas cantadas, pelos pacientes, sendo em sua maioria músicas de cunho religioso.

Os sujeitos da pesquisa foram profissionais do CTI, pacientes e familiares que eram entrevistados após as sessões de música, sendo observadas durante a entrevista as alterações fisiológicas dos pacientes, além dos gestos e manifestações dos envolvidos. Os familiares foram incluídos para participar, em datas comemorativas como aniversários, das sessões de música e canto.

Foi observada uma similaridade na percepção dos pacientes quanto ao efeito da música sobre lembranças passadas, vivências familiares e religiosas. A música estimulou a manifestação de diferentes afetos, diminuiu o sentimento de solidão e promoveu o sentimento de estar em um lugar agradável, bem estar geral e segurança. Ela trouxe conforto espiritual e a idéia de cura. Os pacientes também relataram sentir paz interior, alegria, tranquilidade e relaxamento físico. Os autores destacaram que a preferência pelas músicas religiosas, escolhidas pelos pacientes, estava relacionada ao fato de estarem em um ambiente estressante, afastados do convívio familiar e em situação de extrema fragilidade. Por sua vez, os pacientes e familiares também perceberam que os profissionais ficaram mais relaxados e sensibilizados, se relacionando e trabalhando melhor.

Quanto aos profissionais, essa experiência promoveu, não somente paz interior, tranquilidade e harmonia, como também descontração e disposição para o trabalho. Esses referiram ter sentimentos agradáveis, apontando que a música também os remeteu a lembranças familiares e à infância, despertando a sensação de segurança e esperança. A música ainda provocou reflexões e promoveu maior interação entre a equipe. Além disso, houve um maior comprometimento com as atividades profissionais e com os colegas de trabalho, e a integração social melhorou a harmonia do ambiente.

b) Instituto Nacional de Câncer (Rio de Janeiro) (CHAGAS; GAZANEO; AGUIAR, 2004)

Em 2002, esse projeto foi implantado na unidade responsável pelo atendimento a adultos matriculados nos Serviços de Ginecologia e Oncologia Clínica. Este trabalho ligando Musicoterapia e humanização foi denominado “Projeto Encanto”, e tinha por finalidade oferecer, através de canções, significados existenciais aos pacientes para os auxiliar a fortalecerem-se e para efetivar mudanças internas necessárias ao enfrentamento da doença. Propunha-se também a atender a equipe do hospital, contribuindo para o alívio do estresse, a melhoria do humor e do ambiente.

Esse projeto era desenvolvido por estagiários de musicoterapia, supervisionados por musicoterapeuta, que tocavam músicas escolhidas pelos pacientes e pelos funcionários do hospital. Além disso, improvisavam segundo as diferentes situações clínicas que surgiam e também ofereciam músicas de seu próprio repertório.

Para a pesquisa foram realizadas entrevistas com enfermeiros e assistentes sociais da equipe de profissionais da instituição. Estes foram escolhidos por lidarem diretamente e diariamente com os pacientes, estando presentes nas enfermarias durante a atuação dos musicoterapeutas.

Os profissionais observaram que os pacientes apreciaram a atividade, sendo que a música trouxe conforto e ofereceu tanto a possibilidade do paciente se distrair quanto de esquecer a dor e os agravos provenientes da situação emocional advinda do tratamento. A Musicoterapia também promoveu um outro tipo de cuidado apontado pelos profissionais como sensível, estabelecendo uma lógica de cuidados inserida na saúde, na lembrança dos dias fora do hospital e na cultura do seu cotidiano.

Segundo as autoras, a música é portadora de sentidos que o paciente lhe dá, oportunizando comunicações significativas. Ele aborda a história de sua vida através da música, que facilita a expressão de emoções, contribuindo para aumentar a capacidade de enfrentamento da doença, tanto no período de internação quanto no de tratamento ambulatorial. O paciente tem a oportunidade de exercer a sua singularidade através das opções musicais que faz por meio da escolha de repertório, estilo musical, cantor, cantora, andamento da canção, cantar ou escutar, improvisar.

Para a equipe hospitalar, a música alivia principalmente o estresse. A expressão de singularidades dos pacientes, possibilitada pela Musicoterapia, foi relatada pelos profissionais, bem como maior integração entre os membros da equipe. Contudo, estes relataram que muitas vezes essa atividade atrapalha o serviço técnico, gerando o que os profissionais chamam de “resistência” da equipe. Esse dado obtido no relato dos trabalhadores pesquisados apontou que a música tanto atrapalha quanto ajuda efetivamente o trabalho no hospital. Ressalta-se, então, a importância da percepção do musicoterapeuta para avaliar os contextos clínicos onde a sua intervenção se dá.

c) Enfermarias de Clínica Ortopédica do Hospital Central do Exército (HCE): (BERGOLD, 2005)

Este trabalho foi desenvolvido no HCE. Teve início em 2000 e tinha por finalidade levar a música de uma forma mais abrangente e democrática aos clientes internados. No HCE há somente uma profissional que é enfermeira e musicoterapeuta, única responsável pelos atendimentos de musicoterapia, o que restringia a possibilidade de implantar um projeto amplo de humanização hospitalar. Para isso, formou-se nessa ocasião uma equipe com mais dois músicos, funcionários do hospital que foram treinados com a finalidade de realizar a visita musical em diversos setores da instituição. Democratizou-se, assim, a música aos clientes internados que, de outro modo, não teriam acesso aos benefícios desta, devido à defasagem entre a oferta e a demanda. Nessas visitas, o paciente optava por participar ou não, escolhendo a música e a forma de sua execução: cantada com acompanhamento de instrumentos (flauta, violão e cavaquinho), ou só instrumental, objetivando promover bem estar e o acolhimento do cliente através das lembranças do seu cotidiano despertadas pela música.

A visita ocorria com a equipe formada pela musicoterapeuta e músicos (especialmente nas unidades fechadas, como CTI, Unidade Coronariana, Unidade Renal, dentre outros) ou somente pelos músicos (nas enfermarias de clínica médica ou cirúrgica), o que ampliava a possibilidade de acesso aos pacientes internados.

Em 2004, surgiu a oportunidade de se realizar uma pesquisa que focalizou a visita musical como uma estratégia de cuidado, sendo utilizado o termo ‘música terapêutica’ (BRUSCIA, 2000) para caracterizar essa atividade, realizada tanto por musicoterapeuta/enfermeira como por músicos. O cenário escolhido para a pesquisa foi

a Clínica Ortopédica, pois a longa permanência dos pacientes nesse local facilitou a obtenção de dados através da realização de grupos de discussão com os pacientes internados nesse local.

Os resultados dessa pesquisa evidenciaram que, para os pacientes, a visita musical os influenciou de forma holística nas dimensões física-biológica, subjetiva e social, promovendo a expressão de emoções, proporcionando alegria, conforto e bem estar. Alguns também relataram conforto espiritual e sensação de força, relacionando-os às músicas religiosas escolhidas.

A escolha das músicas pelos pacientes promoveu o resgate de lembranças ligadas ao seu cotidiano e sua cultura, remetendo-os à sua singularidade relacionada à biografia musical de cada um. Essa escolha estimulou a expressão de sua identidade social e também promoveu a autonomia que diminuiu a sensação de despersonalização e insegurança provocada pela internação hospitalar, aumentando a auto-estima dos participantes. A participação nas visitas musicais também promoveu reflexão e auto-conhecimento. Facilitou o esquecimento de situações angustiantes relacionadas à internação, diminuindo o sentimento de solidão e a monotonia da rotina hospitalar, proporcionando diversidade e momentos lúdicos que facilitaram a comunicação e a integração entre os pacientes e entre estes e a equipe de saúde. É importante ressaltar que os participantes da pesquisa apontaram a música como uma possibilidade de diminuir o estresse da equipe de enfermagem, proporcionando uma maior interação entre os pacientes e equipe, e melhorar o ambiente hospitalar.

Discussão dos resultados

Somente a experiência realizada no INCA utilizou a palavra Musicoterapia para descrever a atividade desenvolvida. As outras experiências utilizaram as expressões sessão musical (CTI) e visita musical (HCE), visto que não eram realizadas exclusivamente por musicoterapeutas.

Os estudos descritos realizaram experiências musicais receptivas em geral, com músicas ‘prontas’, com exceção do trabalho realizado somente por musicoterapeutas no INCA, no qual também foram realizadas improvisações musicais com os pacientes de acordo com as diferentes situações clínicas. Isso aponta a utilização de uma técnica desenvolvida pela Musicoterapia que amplia criativamente os recursos em atividades

terapêuticas voltadas para a humanização, podendo lidar com a situação vivida no momento da internação através da atividade musical.

No HCE, uma das diferenças observadas foi a utilização de música somente instrumental como um dos recursos utilizados pela equipe de músicos, a critério da escolha dos pacientes. Esse fato sugere que o preparo do profissional que é músico pode ampliar os recursos musicais relacionados à atividade de humanização. Isso promove maior aceitação por parte de pacientes que mostram preferência por música instrumental.

No INCA observou-se que também havia a escolha musical do musicoterapeuta, e não somente a do paciente. No trabalho realizado no CTI, como o objetivo era o de atender também às necessidades da equipe, parte do repertório foi escolhido pelos profissionais de saúde. Somente no trabalho desenvolvido no HCE a escolha partiu prioritariamente dos pacientes, visto que tinha por finalidade o resgate do sujeito social através da sua escolha musical.

É importante ressaltar, nessa perspectiva, que na concepção do programa Humaniza SUS, os valores que devem nortear as práticas dos profissionais da saúde são a autonomia e o protagonismo dos sujeitos, a co-responsabilidade entre eles e os vínculos solidários (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006). Destaca-se que a possibilidade de escolha, comum aos três estudos, mostra um fundamento ético e solidário que está em consonância com os valores do Humaniza SUS.

Todos os estudos apontaram como finalidade a humanização hospitalar, embora cada experiência se originasse de necessidades geradas no seu próprio contexto e a partir das necessidades reais dos indivíduos. No CTI, a atividade musical estava associada inicialmente aos funcionários, sendo estendida aos pacientes após a percepção do potencial de humanização que haveria para os mesmos e para o ambiente como um todo. No INCA, o projeto incluía desde o início tanto os pacientes como os funcionários, e no HCE, a proposta inicial era somente para os pacientes, mas estes próprios apontaram a importância da música na redução do estresse da equipe de saúde, que tem sido incluída gradativamente no desenvolvimento das visitas musicais. Essas diferenças apontam a abrangência da música enquanto instrumento harmonizador e indutor de humanização pela valorização das necessidades reais dos indivíduos, inseridos em seu contexto real e concreto.

Cabe ressaltar que no INCA, os entrevistados se referiram à resistência de alguns profissionais à atividade musical, devido a esta interferir no serviço técnico rotineiro. Esse fato também foi observado no HCE no início da implantação das visitas musicais, tendo diminuído com o tempo, talvez por já estar sendo incorporado à 'rotina' hospitalar. No CTI isso não foi observado, visto que de início o objetivo era atender às necessidades da própria equipe, o que aponta a possibilidade de diminuir a 'resistência' dos profissionais de saúde pela sua inclusão e participação ativa na atividade musical, principalmente ao serem consideradas suas necessidades, desejos e possibilidades criativas e inovadoras.

Os dois primeiros estudos indicam que a atividade musical desenvolvida com o intuito de humanizar o ambiente hospitalar é ampla, inovadora e eficaz, pois atende tanto às necessidades do cliente (pacientes e familiares) quanto às necessidades dos profissionais. Em relação aos pacientes, todos os estudos constataam que a música despertou lembranças de vivências passadas e do cotidiano relacionados à sua singularidade, que faziam parte da biografia musical de cada participante relacionada à sua inserção cultural e social (RUUD, 1998).

Os estudos também apontam que a música despertou a sensação de bem-estar e segurança, transformando o ambiente hospitalar em um lugar mais acolhedor. Proporcionou conforto, alegria, tranquilidade e relaxamento físico, expressão de sentimentos, aumento da capacidade de enfrentamento e integração ao ambiente, o que evidencia que a música como recurso terapêutico para a humanização da assistência pode ser realizado em vários contextos e com diferentes sujeitos.

Há uma aproximação entre as experiências relatadas e o conceito de ambiência nos espaços da Saúde, adotados pelo Ministério da Saúde (2006). Ambiência vai além da composição técnica, simples e formal dos ambientes. Além da composição estrutural, a ambiência considera as situações e interações que são construídas nestes. Essas situações são construídas em determinados espaços e num determinado tempo, vivenciadas por uma grupalidade, isto é, um grupo de pessoas com seus valores culturais e relações sociais. Ambiência também é considerada o espaço que possibilita a produção de subjetividades e o encontro de sujeitos. Logo, constitui-se numa ferramenta facilitadora do processo de trabalho dos profissionais da saúde que frequentemente o realizam sob desgaste emocional intenso.

O espaço visa a confortabilidade focada na privacidade e individualidade dos sujeitos envolvidos, valorizando elementos do ambiente que interagem com as pessoas, entre os quais inclui-se o som, que deve garantir conforto aos usuários e profissionais. Na exemplificação do uso do som, além da redução de ruídos, é sugerida a música ambiente, mas no nosso entender, a música ao vivo, executada de acordo com o desejo do paciente, promove maior acolhimento por promover a autonomia e aumento da auto-estima através da expressão de sua singularidade.

A música trouxe conforto espiritual e a sensação de força e esperança, apontadas pelos participantes das pesquisas, tanto do CTI quanto do HCE. A escolha de músicas religiosas nesses ambientes pode estar relacionada às condições estressantes do ambiente, bem como pelo afastamento do convívio familiar e à situação de fragilidade na qual dos internados se encontram. Acredita-se que este aspecto não foi mencionado no INCA pelo fato dos sujeitos pesquisados não serem os pacientes, e essa situação pode não ter sido considerada pela equipe.

A música trouxe distração e prazer, estabelecendo uma lógica de cuidados interativos, pela possibilidade de trazer à tona lembranças do cotidiano fora do hospital. Reduziu o sentimento de solidão para os pacientes do CTI e da clínica ortopédica do HCE, visto que esses ficam isolados e afastados dos seus familiares, às vezes, por tempo prolongado, e ainda ampliou a integração entre eles e também com a equipe. A música estimulou a reflexão entre os pacientes, pois sendo portadora de sentidos oportunizou comunicações significativas e ampliou o auto-conhecimento, assim como a percepção da equipe de saúde acerca do paciente.

Destaca-se o pioneirismo da experiência desenvolvida no CTI quanto à inclusão dos familiares tanto no momento da sessão musical quanto no âmbito da pesquisa. Isso ampliou o foco para as associações familiares, as quais precisam ser consideradas na humanização do cuidado enquanto fenômeno integral e integrador.

Quanto à equipe, as experiências que tinham por finalidade atender também aos profissionais (INCA e CTI), evidenciaram principalmente o alívio do estresse e maior integração entre os membros da equipe. Alguns participantes também relataram a expressão de singularidades relacionadas à escolha das músicas. Os profissionais do CTI relataram ainda descontração e disposição para a atividade laboral, referindo maior

comprometimento com o ambiente de trabalho. Isso pode estar relacionado à autonomia destes em relação à atividade musical visto que ela é desenvolvida por eles próprios.

Considerações finais

Com a finalidade de atender às necessidades das novas demandas em saúde, o desenvolvimento de estratégias para a humanização hospitalar pode se beneficiar da utilização terapêutica da música. Os estudos abordados apontam a música como um recurso utilizado pela musicoterapia e pela enfermagem que atende às demandas dos pacientes, familiares e profissionais da saúde, relacionadas à humanização das práticas assistenciais. Assim, é importante destacar que essas atividades musicais mostraram diferenças em alguns pontos sustentadas nos diferentes campos do conhecimento, mas que através da transversalidade da política nacional de humanização da assistência, revelaram interfaces no acolhimento e na interação proporcionados por estas atividades.

Essas iniciativas de humanização hospitalar a partir da utilização da música mostraram-se amplas e eficazes, abrangendo não somente o cliente, mas também a família e a equipe de saúde. Destacamos aqui a importância da ética do cuidado, baseada na possibilidade da escolha do cliente, não somente em participar, mas em como participar desse momento de encontro intersubjetivo com ênfase no acolhimento. Também é ética a ousadia de se criar novas possibilidades de cuidados/práticas terapêuticas visando atender não só às necessidades, mas também aos desejos dos pacientes. Dessa maneira rompem-se paradigmas que não atendem às demandas atuais da assistência, ampliando o próprio papel do profissional de saúde.

O envolvimento da equipe de saúde nas práticas de humanização do ambiente hospitalar pode tornar-se um espaço de intersecção das práticas profissionais, com o objetivo de atender a demanda dos usuários quanto ao acolhimento e estabelecimento de vínculos, ampliando os recursos para a humanização da assistência e contribuindo para a consolidação da política nacional de humanização.

REFERÊNCIAS

BACKES D. et al. Música: terapia complementar no processo de humanização de um CTI. *Nursing*, 2003. v. 66, n. 6, p. 35-42, 2003.

BERGOLD, L.B. **A visita musical como estratégia terapêutica no contexto hospitalar e seus nexos com a enfermagem fundamental.** 167 f. Dissertação de Mestrado em Enfermagem – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BRUSCIA K. **Definindo Musicoterapia.** Rio de Janeiro: Enelivros, 2000. 312p.

CHAGAS, M.; GAZANEO, L.; AGUIAR, M. Projeto Encanto: avaliando uma proposta de humanização hospitalar. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA. 5ª ed., 2004. **Anais.** Rio de Janeiro. União Brasileira de Associações de Musicoterapia.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Ambiência.** Série Textos Básicos para a Saúde. Organização da Série Cartilhas do PNH. Brasília, DF, 2006.

NICOLESCU, B. **O manifesto da Transdisciplinaridade.** 2ª ed. São Paulo: Triom, 2001. 165 p.

RUUD, E. **Music Therapy: Improvisation, Communication and Culture.** Barcelona: Publisher, 1998. 204p.